Acervo ISA

Documentação
JT
25/9/95 Pg 14
48

"É PRECISO INTERDITAR A ÁREA PARA QUE POSSAMOS TRABALHAR"
(Da antropóloga Virgínia Valadão, que prepara um relatório sobre o grupo)

Achada mais uma índia de grupo isolado em Rondônia

JÁ SÃO TRÊS OS ADULTOS LOCALIZADOS; FAZENDEIROS ACUSAM SERTANISTA DE FARSA

Uma expedição de sete pessoas comandada por dois caciques cintas largas e um indigenista encontrou na quarta-feira passada, em Corumbiara, Rondônia, mais um integrante do grupo de índios que vivem isolados em uma mata no município, na região sul do Estado. É uma mulher. Com a descoberta da índia, já são três os adultos localizados em uma pequena aldeia.

A expedição foi organizada na tentativa de provar que a descoberta dos índios pela Fundação Nacional do Índio (Funai), no dia 3 de setembro, foi uma farsa. Segundo o cacique Oíta, da Associação Pamaré do Povo Indígena Cinta Larga, que promoveu a iniciativa da semana passada, a intenção é preservar a saúde e a segurança do grupo: "Eles estão abandonados no local, passando fome."

A descoberta dos três índios criou um novo foco de tensão na região, conhecida desde que uma ação da polícia para desocupação de uma área invadida por sem-terras resultou na morte de 12 pessoas. Se os índios tiverem confirmada sua condição de isolados, a Funai poderá desapropriar a área onde vivem — e em que ficam várias fazendas.

Os fazendeiros acusam Marcelo Santos, sertanista do Departamento de Índios Isolados da Funai (DII) e responsável pelos primeiros contatos com o grupo, de tentar a desapropriação para cortar madeira.

No dia 8, cinco dias depois da descoberta do grupo pela Funai, Osni Ferreira, que comandou a expedição dos cintas largas, registrou declaração no cartório de Vilhena, acusando Marcelo Santos de "plantar" índios nas fazendas de Corumbiara. Ferreira foi afastado da Funai por denúncias de ligação com fazendeiros na extração de madeira.

A expedição dos cintas largas foi gravada e fotografada. Na fita, Osni Ferreira procura demonstrar que os índios estão sendo mantidos na região por brancos. Um relatório do contato, escrito pelos caciques, foi registrado no cartório de Vilhena e deve ser enviado hoje ao presidente da Funai, Márcio Santilli, com o pedido de afastamento de Santos.

Associação Pamaré

A índia recém-encontrada, entre o cacique Oíta (esq.) e Osni Ferreira, chefe da expedição

No texto, o presidente da Pamaré, cacique Tataré, faz uma lista de motivos que comprovariam que os índios encontrados não vivem isolados. Mas ninguém da expedição conseguiu conversar com as índias, que falam uma língua desconhecida pelos caciques e pelo indigenista.

Esta semana, a antropóloga Virgínia Valadão, que está na área do contato, prepara um relatório sobre a situação do grupo. "É preciso interditar a área para que possamos trabalhar", diz. Até sexta-feira ela pretende concluir um pedido de interdição.

O presidente da Funai, Márcio Santilli, confirmou ontem que, assim que receber a documentação de Virgínia, vai propor ao ministro da Justiça, Nelson Jobim, que interdite o local. A interdição, porém, não significa desapropriação. Em 1985, depois de encontrados vestígios do grupo na região, a área foi interditada, analisada e, depois, liberada.

O presidente da Funai criticou a iniciativa dos cintas largas de entrar na aldeia. Segundo ele, não houve autorização para o contato. "Estamos preocupados com informações de que um dos membros da expedição estava enfermo", disse Santilli. "Há dias uma equipe nossa tenta vacinar o grupo", explicou. Marcelo Santos confirma que o índio Japão, que acompanhou os caciques na quarta-feira, estava gripado.

Santilli afirmou ainda que a situação na área é delicada. Ele confirmou ainda o envio de um lingüista, pesquisador do Instituto Goeldi, para estudar a origem do grupo através da linguagem.

Pablo Pereira e Décio Trujilo

Vestígio oral de um povo

Parte da primeira lista de palavras com sentido definido dos índios do Rio Omerê

água - õni
fogo - pewikamiti (tônica no "e")
milho - a titi (com tônica no primeiro "i")
fumo - éh
facão - totxiray (com tônica no "o")
machado - aire
flecha - mãntpi (com tônica no T)
arco - mãntpika
porco - ura (o "u" é pronunciado com em francês)
anta - itxé (tônica no "i")
lambari - ikoini (com tônica no segundo "i")
piau - teimõ (tônica no "i")
pernilongo - purá (tônica no "u")
carrapato - téh ipo
pedra - aku (tônica no "a" e "u" pronunciado como em francês)

Fonte: indigenista Inês Hargreaves